

**Resenha: STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do pai Tomás ou vida entre os humildes*. Tradução Ciro Mioranza 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2020. 524 p.**

Isabel Mendes Gonçalves (Governo do Estado do Amapá)\*

Quando você chegar a um lugar apertado e tudo for contra você, mesmo quando parecer que você não pode aguentar nem mais um minuto, nunca desista. Então, essa será a hora e o lugar em que a maré vai virar.

Harriet Beecher Stowe

No processo de busca da identidade literária, Ricoeur analisa quem é o Eu que pensa e o que significa conhecê-lo. Ele tenta construir uma filosofia reflexiva e contemporânea. Para isso, ele traz o conceito de *self* que, para ele, é a possibilidade que uma pessoa tem de alcançar uma compreensão de si mais autêntica e verdadeira (LEVY, 2008, p. 52).

Para essa compreensão da identidade, o Ricoeur leva em consideração o pensamento cartesiano “penso, logo, existo” e o socrático, “conhece-te a ti mesmo”. Chegando à conclusão de que a identidade narrativa nada mais é que a interpretação de si-mesmo ou, como ele diz, a hermenêutica de si-mesmo. Dessa maneira, o indivíduo só pode chegar a si-mesmo pela interpretação, reflexão crítica e análise das próprias obras e da sua existência (LEVY, 2008, p. 52).

A fim de compreender o si-mesmo, Ricoeur responde que o sujeito precisa começar a narrar, contar sua história. Ele diz: “a vida de uma pessoa torna-se compreensível quando nos inteiramos das histórias contadas a seu respeito” (LEVY, 2008, p.54). Não se limita ao tempo entre o nascimento e a morte de um indivíduo, mas sim, inclui a história de outras pessoas ao redor, dos ancestrais e nunca findaria, seria, ao invés de tempo de vida, seria espaço de experiência (LEVY, 2008, p. 52).

Com esse propósito de compreender a identidade literária de Harriet Beecher Stowe, necessita-se fazer-se uma retrospectiva de sua biografia e de sua família e do

---

\* Mestra pela Universidade Federal do Amapá, professora de Língua inglesa do Governo do estado do Amapá. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/8663519763036489>. E-mail: [imendesgonalves@gmail.com](mailto:imendesgonalves@gmail.com)

contexto social da época e do local. Para essa análise, tomaremos como base seu principal livro *A cabana do pai Tomás*, através da edição brasileira do ano de 2020.

A escritora de *A cabana do pai Tomás* viveu no século XIX, nos Estados Unidos escravocrata. No início desse século, diversos grupos defendiam que a sociedade necessitava de reformas para que se tornasse melhor, particularmente, no sentido religioso. Os membros de sua família apoiavam a abolição da escravidão e a expansão do protestantismo para as novas terras do oeste. Esses novos pensamentos ofereciam novas chaves de compreensão do mundo e da sociedade, misturando política e religião (BRAGA, 2014, p. 93).

Os Irmãos da escritora ressaltavam a inexistência de uma ordem social fixa, predestinada, estimulando a ideia de que a salvação necessitava de interferência direta no mundo. Dessa maneira, insistiam que os crentes precisavam resolver os problemas concretos da política e da moral social. Possuíam forte cunho imediatista, isto é, exigia o fim imediato da escravidão (BRAGA, 2014, p. 93).

Ao contrário dos filhos, o pai da escritora era a favor da abolição da escravidão, de forma lenta e gradual, acreditando que o melhor destino dos negros libertos seria enviá-los para a África. Questionava a possibilidade de um futuro digno para os negros na América, uma vez que, assim, os negros libertos viviam em situação miserável no país, vítimas da pobreza, ignorância e corrupção moral. Para ele, inúmeros fatores poderiam impedir uma aceitação plena dos negros na sociedade, entre eles o mais forte era o preconceito racial dos brancos (BRAGA, 2014, p. 91).

A escritora americana compartilhava de ambas concepções, começou a escrever contos aos 23 anos. Em 1843, publicou *The Mayflower*, em 1845, seu primeiro folheto abolicionista, *Immediate Emancipation*. Em 1850, começou a escrever o que seria seu romance de maior sucesso, *A cabana do pai Tomás*, que foi publicado em formato de folhetim entre 1851 e 1852, e posteriormente em forma de livro, em 1852 (SOUSA; AMORIM, 2015, p. 549).

Stowe morava em uma cidade que faz fronteira com o estado *Kentucky*, estado que permitia a escravidão, essa cidade era o destino de vários escravos em fuga. A escritora teve contato com diversos escravos, muitos dos quais ela empregou como trabalhadores domésticos, de quem recolheu diversas histórias que depois foram integradas a seus romances (SOUSA, 2017, p. 61).

Sob essa perspectiva, *A Cabana do Pai Tomás* é um objeto de análise rico: não só trata da escravidão nos EUA, fornecendo amplo campo de análise para conflitos raciais, como também foi amplamente publicado no Brasil ao longo dos anos. Sua autora foi reconhecida como uma referência por sua abordagem cristã a respeito da temática da escravidão (SALVAIA, 2018, p. 21).

Stowe compartilhava as ideias *colonizacionistas* de seu pai. No livro, o escravo George e sua família seguiram este caminho, acreditando que poderiam levar os conhecimentos religiosos que adquiriram na América para a Libéria (BRAGA, 2014, p. 91).

As discussões em torno dessa obra, no entanto, não se resumem ao período escravista estadunidense, e têm relevância até hoje: quando criou o personagem Tomás, a escritora não parecia estar tentando construir um herói, mas sim um mártir. Sua caracterização se torna problemática pela ausência ou invisibilidade de personagens negros no papel de heróis que sejam tão emblemáticos na cultura norte-americana quanto Tomás se tornou. E isso é válido também para as várias culturas para as quais esse livro foi exportado, especialmente culturas em que ocorreu a escravidão dos negros, como a brasileira (SOUSA; AMORIM, 2015, p. 550).

Essa Invisibilidade é apontada por Ortis (2012, p. 162) na literatura brasileira, ele declara que até a Abolição, o negro não existia enquanto cidadão, sua ausência no plano literário é tal que gera consequências nefastas para as Ciências Sociais. Resultando em uma dificuldade em se definir o que é o negro no Brasil. O obstáculo não é simplesmente teórico, reflete as ambiguidades da própria sociedade brasileira.

Nesse sentido, Munanga (2012, p. 14) continua essa fala ao afirmar que nesse sentido, a famosa pergunta - “Afinal, quem é negro?” - muitas vezes colocada no atual debate sobre cotas raciais, se refere a essa dificuldade de definir a identidade com base no único critério racial.

O autor afirma que para ser racista, coloca-se como postulado fundamental a crença na existência de raças hierarquizadas dentro da espécie humana. De outro modo, no pensamento de uma pessoa racista existem raças superiores e raças inferiores. Em nome das chamadas raças, inúmeras atrocidades foram cometidas nesta humanidade. Ser negro é ser excluído (MUNANGA, 2012, p. 15).

Stowe (2020, p. 284) denuncia diversas atrocidades em seu livro de 1852, dentre elas os xingamentos, como a expressão *Jim Crow* que em português seria algo como

*Pretinho* ou *negrinha*. Sousa (2017, p. 80) sustenta que as origens do termo *Jim Crow* remontam aos teatros populares e que se transformou para retratar de forma burlesca os escravos negros, “caracterizando-os como pessoas estúpidas que usavam trajes espalhafatosos e tinham um modo peculiar de andar e falar, e entretinham plateias com músicas e danças sem sentido” (SOUSA, 2017, p.80).

Com o passar do tempo, o termo se popularizou e passou a ser usado como um sinônimo pejorativo de negro nos EUA. Seu uso era tão entranhado que esse termo foi usado para apelidar as leis de segregação racial, que ficaram conhecidas popularmente como *Leis Jim Crow* (SOUSA, 2017, p. 78).

Isto posto, Munanga (2012, p. 15) declara que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania, claramente exemplificado no romance de Stowe.

Por causa da discriminação racial, da qual todos são vítimas, diz Munanga (2012, p. 16), quase todos se referem retoricamente aos valores culturais negros ou tentam recuperá-los, pelo menos simbolicamente, como o mostra o discurso da negritude.

Munanga (2012, p. 16) do mesmo modo reitera que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definirem em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando à conservação do grupo como entidade distinta. Essa declaração define a visão da família de Stowe em unir esforços ao movimento abolicionista estadunidense.

Stowe é uma das autoras mais polêmicas a ser aceita, expulsa, e depois reintegrada ao cânone literário norte-americano. Ela foi uma pioneira na representação de dialetos em obras de ficção, flexível, porém marcante, na construção de seus narradores, e se utiliza de uma retórica sofisticada para influenciar a opinião pública. Foi reconhecida como uma voz contra a escravidão, e as características de sua escrita também foram apreciadas, em especial o estilo íntimo e sentimental como ela narrou sua história (SOUSA, 2017, p. 62).

Destarte, a narrativa se estrutura em torno de dois eixos, um declinante e outro ascendente, vinculados pela combinação de artifícios do sentimentalismo e realismo e por resultarem em cenas de libertação de escravos.

O primeiro núcleo narra a trajetória de pai Tomás, escravo cristão, vendido por seu senhor endividado, expondo as diferentes situações de escravidão e senhores, em

direção ao Sul dos EUA, movimento identificado como de progressiva degradação de suas condições de vida até sua morte na fazenda de algodão da Louisiana, por ordens de Simon Legree, senhor cruel e imoral (FERRETI, 2017, p. 191).

Nesse enredo, descreve a longanimidade cristã de pai Tomás, indicando sua resistência passiva à escravidão, representada pela recusa em cometer violência contra seus semelhantes, motivo da punição que levava à sua morte. O que o caracterizou como um mártir, uma vez que sua morte levou seu primeiro senhor a libertar todos os escravos de sua fazenda (FERRETI, 2017, p. 191).

O outro núcleo narrativo conta a história da fuga da família de escravos, formado por Eliza, seu esposo George Harris e de seu filho Harry, em direção ao Norte dos EUA. Esse eixo tematiza a *underground railroad*, tradicional rota de fuga de cativos, e finaliza com a plena liberdade ao atingirem o Canadá e a conseguinte decisão de partirem voluntariamente para a África (FERRETI, 2017, p.191).

Nesse eixo, da família de Eliza, por mais que mantivessem a valorização dos princípios cristãos, o foco desse núcleo é a resistência, não hesitando em usar força para conquistar liberdade, comparando-os aos patriotas da independência americana, indicando que nem tudo era passividade e submissão no livro (FERRETI, 2017, p. 191 e 192).

Dessa maneira, ao denunciar os maus-tratos e a situação deplorável as quais os negros viviam, a recepção desse romance foi marcada por reações extremas e de amplitude internacional. Entre o público dos estados escravistas do Sul dos EUA, ele gerou uma reação predominantemente negativa, suscitando nada menos que um ciclo de 29 romances críticos, os chamados romances "Anti Tomás" (FERRETI, 2017, p. 192).

Apesar dessa recusa pelos escravistas, A Cabana do Pai Tomás foi, acima de tudo, um incomparável catalisador do entusiasmo antiescravista, dentro e fora dos EUA. O livro se tornou um dos maiores sucessos editoriais de todo o século XIX chegando, nos primeiros meses após a sua publicação, a um número de vendas, no Norte dos EUA, de cerca de 310 mil cópias. Somente em 1853, atingiu mais de um milhão e meio de exemplares vendidos na Inglaterra (FERRETI, 2017, p. 192).

Dessa forma, o objetivo principal desse livro foi, declaradamente, servir como propaganda contra a escravidão nos Estados Unidos. Com esse propósito, o narrador moldou a história de forma a alcançar seu público da maneira mais eficiente possível,

utilizando-se para isso de descrições dos sofrimentos dos escravos, de forma a humanizá-los aos olhos dos leitores mais indecisos (SOUSA, 2017, p. 68).

Com base nos textos estudados, foram aprofundados os conceitos sobre como essa obra foi revolucionária na sua época, uma vez que foi audaz em escancarar a hipocrisia de uma sociedade que se dizia seguidora de Cristo e, ao mesmo tempo, escravizava, humilhava e matava os irmãos negros.

Nesse intuito, discutiu-se o conceito sobre como a negritude para os brancos era vista de maneira pejorativa e sem importância. De forma irônica e, aparentemente, inofensiva, Stowe, narra o sistema escravista como um mal sem nenhum lado benéfico. Através de um discurso ameno, refreado por eufemismos e pela aura religiosa, a autora utilizou-se de estratégias racionalmente elaboradas para revelar sua crítica social.

Segundo essa linha de pensamento, as reflexões sobre identidade literária são norteadoras para compreensão do contexto em que essa obra foi e está inserida, uma vez que o aspecto do “Conhece-te a ti mesmo” e a história ancestral da autora são fundamentais para a motivação da escrita desse livro.

Ademais, compreende-se o processo de identidade literária de Stowe como uma evolução do pensamento em ascensão da época, marcada pelo forte posicionamento crítico de sua família que estava engajada em diversos movimentos de reforma sociais que favoreceu sua audácia em enfrentar as instituições conservadoras favoráveis à escravidão.

Diante disso, verificou-se o quanto a autora foi vitoriosa em persistir nessa linha de engajamento político e, mais que tudo, humano, ao enfrentar o preconceituoso e discriminatório sistema escravocrata de sua época. De sua obra e perseverança, saiu luz não somente para seu país como para todo o mundo. Enfim, ela sabia que a maré tinha virado.

## **REFERÊNCIAS:**

- FERRETTI, Danilo José Zioni. A publicação de *A cabana do Pai Tomás* no Brasil escravista. O momento europeu da edição Rey e Belhatte (1853). *Varia história*, Belo Horizonte, v. 33, n. 61, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-87752017000100009>>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- ORTIS, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LEVY, David. **A identidade Narrativa: conhecer o si é narrar sua história**. Mente, Cérebro e Filosofia: fundamentos para a compreensão contemporânea da psiquê. 1. ed. São Paulo: Duetto, 2008.

BRAGA, M. D. C. Mulheres de papel, Espaço feminino e abolicionismo no romance *A Cabana do Pai Tomás*. **Aedos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, Jan./Jul. 2014.

SALVAIA, P. Diálogos entre americanos: Harriet Beecher Stowe, Joaquim Nabuco e Machado de Assis no jornal *O Novo Mundo* (1870-1875). **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 10, n. 1: p. 1–259, Jan./Jun. 2018.

SOUSA, T. P.; AMORIM, L. M. As relações entre tradução e adaptação e as variações da identidade negra em a cabana do pai Tomás, de Harriet Beecher Stowe. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 54, n. 3, p. 545-568, out./dez. 2015.

SOUSA, T. P. **Tradução, adaptação e representação da identidade negra em reescritas de Uncle Tom's Cabin, de Harriet Beecher Stowe**. Orientador: Lauro Maia Amorim. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150641/sousa\\_tp\\_me\\_sjrp.pdf?sequence=6&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150641/sousa_tp_me_sjrp.pdf?sequence=6&isAllowed=y)>. Acesso em: 16 jun. 2021.

STOWE, H. B. **A cabana do pai Tomás ou vida entre os humildes**. Tradução Ciro Mioranza 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2020. 524 p.